

RUI VASCONCELOS

exposição

Ervas: Yasujiro Ozu
visto por João Miguel Fernandes Jorge e Rui Vasconcelos
junho a setembro 2022
segunda a sexta-feira das 14h/21h30 | sábado 14h/19h30

Rui Vasconcelos

Estudo Para Uma Paisagem

«Estudo para uma Paisagem» [2022, grafite e acrílico sobre papel, 113 x 277cm] é o eixo central do conjunto de desenhos que Rui Vasconcelos expõe numa das salas do Museu do Cinema, como é igualmente o centro do livro Ervas Yasujiro Ozu. Harmonizam-se com o extenso desenho a grafite, a série Apontamento [2022, 5 desenhos sobre papel, lápis de cera e acrílico, entre 39,5 x 56cm e 36,5 x 56cm] e a série Retratos [2022, 5 desenhos sobre papel, grafite e acrílico, entre 22,5 x 38cm e 18 x 25cm].

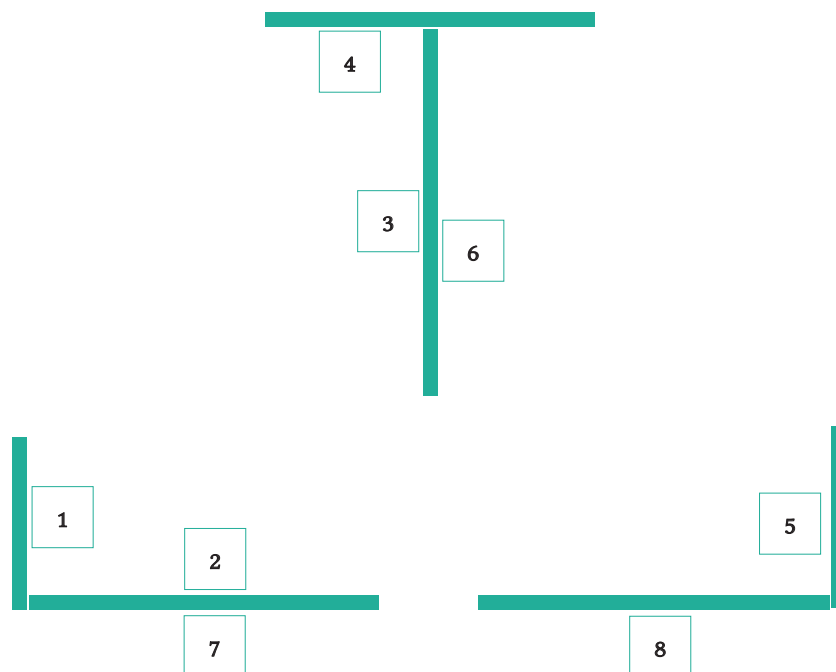
O sítio e a paisagem. Algures, um bosque em Sintra. Algures, uma mata nos contrafortes do Monte Fuji. Algures, as fracturas que o tempo desenhou na paisagem de um rosto. O papel é o sítio. É à partida um chão ermo, um inabitado que vai servir o desenho. O desenho de uma paisagem um brávio de riscos, de sombras, de apareceres, de velamentos, de ocultações e de profundidades e também de poalhas que se expandem e fogem além. O desenho, um testemunho botânico do sítio: rede de raízes, ramagens, um cerrado negro de verdes arbóreos, como os que nos mostra «Estudo para uma Paisagem», duas [escultóricas e] frondosas árvores. As quais se isolam e sobressaem da mancha paisagística, como se todo o horizonte em volta não fosse suficiente para o seu verdejar e para a vetustez dos troncos. Rui Vasconcelos, ao estabelecer o termo «estudo» e ao sujeitar-lhe o desenho da [extensa] «paisagem», aproximou-se do trabalho de um arquitecto paisagista, submetendo previamente todo o sítio e o chão [o papel que recebe a paisagem] à verticalidade de linhas.

Assim, entre espaços ou entre parêntesis, o desenho desenvolve-se num rigor mais que vegetalista, pois Vasconcelos confere ao seu trabalho um prévio levantamento geométrico. E o embricado enredo do reino vegetal entretece-se por parâmetros espaciais que conduzem o ver a «paisagem», a uma actuação de quem a

contempla. Tomando-a em toda a sua extensão, primeiro. Para logo de seguida iniciar um modo de ver actuante, isto é, que se suspende e segue e se deixa perder e prender na leitura que entre linhas o olhar lhe oferece, ora irrompendo por entre volumétricos [que não existem, mas que o carregado negro da grafite induz] maciços, ora percorrendo clareiras, como quem distende o passo e respira fundo e olha em redor, para abraçar em si a amplitude das copas das mais altas árvores. E o actuante olhar percorre esses caminhos, que no sítio do desenho se esboçaram. As duas árvores frondejantes que tanto relevo assumem na vastidão do desenho, estão ali na plenitude do seu existir, para sublinharem o carácter de estudo «para uma paisagem». Elas acentuam a presença da entrelineação e oferecem a partir de si, numa espécie de fuga, uma sucessão de réplicas; primeiro, ténues velaturas padronizados, que encontrarão o seu fim massivo num enredado e bravio momento da paisagem.

Na ordenada desordem que é a expressão livre do mundo vegetal há sempre lugar para um jardim. O extenso «Estudo para uma Paisagem» nas suas zonas mais carregadas de negros presta-se a mostrar-nos quanto essa presença se pode tornar densa, tanto quanto um cerrado maciço de bambus em Hokkaidô, a grande ilha do norte do Japão. Esconde o seu âmago um jardim secreto. Jardim de pedras, sobre as quais caem as folhas vermelhas do outono, sobre as quais pousa o falcão peregrino, e por entre as quais irrompem os acantos, as peonias, as orquídeas silvestres, a flor de liz. Talvez seja do secretismo desse jardim, do seu oculto, que Vasconcelos tenha trazido em roubo o verde de líquenes e o terra-siena que coroa os cinco lápis de cera de Apontamento. O roubo, em arte, sempre foi o seu melhor. Dele resulta sempre uma espécie de desamor, ou ainda melhor, um desejo de morrer sob as flores das cerejeiras «que se disseminam sobre a terra durante a lua cheia» – que o digam as personagens de Retratos, rostos que a grafite e o acrílico iluminam com o peso dos anos e a beleza do tempo – serão eles o Senhor Hirayama ou a mãe daquele Filho Único?

Em Ervas, o livro. No livro, «Estudo para uma Paisagem» encontra-se exactamente a meio, entre duas páginas de um verde-erva, como se estivesse num escrínio. Está dobrado em quatro partes, que se abrem, ao modo de um biombo Namban, para o seu sentido de natureza para a sua plenitude de paisagem. E a representação pictural do «Estudo» circula, então, entre as nossas mãos e o nosso olhar, num animado sopro de ervas flutuantes.



1. apontamento
18 x 38cm
grafite e acrílico
sobre papel

2. apontamento
36,5 x 56cm
cera e acrílico
sobre papel

3. apontamento
36,5 x 56cm
cera e acrílico
sobre papel

4. retrato
21,5 x 38cm
grafite e acrílico
sobre papel

5. apontamento
36,5 x 56cm
cera e acrílico
sobre papel

6. retrato
18 x 25cm
grafite e acrílico
sobre papel

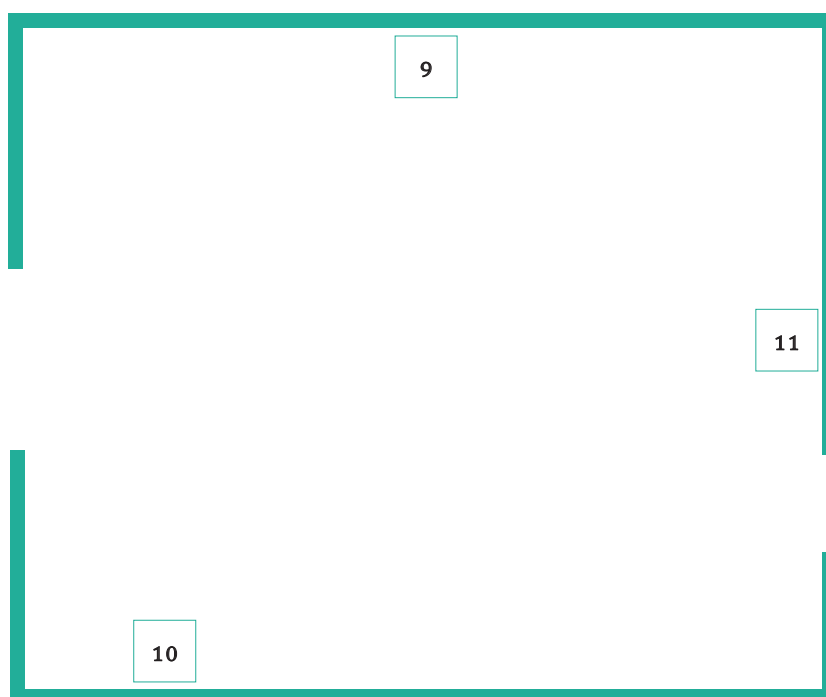
7. retrato
22,5 x 38cm
grafite e acrílico
sobre papel

8. apontamento
36,5 x 56cm
cera e acrílico
sobre papel

9. Estudo para uma
paisagem
113 x 277cm
grafite e acrílico
sobre papel

10. Estudo para uma
paisagem
45,5 x 56cm
cera e acrílico
sobre papel

11. retrato
18 x 25cm
grafite e acrílico
sobre papel



desenho e organização da exposição: Rita Azevedo Gomes

luz: João Cachulo moldureiro: Carlos João Martins / Mizá molduras

colaboração: Luís Gameiro, Teresa Parreira, Nuno Rodrigues, Sofia Polónia

Pedro Miguel Fernandes, Isabel Arouca, Miriam Viana, Manuel Montenegro